

Gavita, caracol em Cruz

Carlindo Fausto Antônio*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0001-8229-6615>

Gavita era o meu caracol; éramos conchas interligadas, dizia a voz dos retornos. Tínhamos aquela voz antiga, eco contínuo como água corrente. No fluxo dos elos refeitos, ela usou aquela voz antiga e ressonada: MATRACAI! Curz, Matracai aos ventos e aos ouvidos o sino do bem, do bom e do belo! Matracai aos homens e às mulheres, que nasceu e não é mais oculto o sol Eterno, que arde e vibra no coração !

Cruz, mtracai bem alto a liberdade! Matracai, Cruz, mesmo que a voz branca velada erga a cruz do Desterro, lâmina fria do abandono! Matracai! Apesar dessa parede branca que se erguia, a onda de calor que nos aquecia era o sangue; espécie de prolongamento das mãos e o corpo era, então, distendido, até o limite, ao outro. As manhãs eram eternas e o tempo passava pelas horas, que não seguiam sozinhas; elas eram nossas e eram torneadas pelo tempo imprimido por nós, que segurávamos e soltávamos o tempo. Mas há um terceiro tempo; existe um tempo da morte entre o tempo da vida. Foi assim que deixamos aquele mundo, do tempo isolado, para velar e sepultar um velho e querido amigo, que aguardava as flores, as lágrimas e a terra; o humus do início e do fim.

No cemitério das Saudades, referência do final da linha do bonde, na Campinas das andorinhas, acompanhamos as últimas homenagens a Godoy, Mestre de capoeira. Feito o sepultamento, com copioso discurso bíblico, saímos de mãos dadas. Nas nossas lembranças e nas memórias veladas e reveladas havia o oculto e o ocultado. O oculto Rei-velado; silêncio além desse sinal, sino erguido, voz subterrânea, o oculto é apenas um véu, seda finíssima que não suporta o olhar, fogo do amor. A criação, o oculto sol-velado, é serpente viva, Éter-Eterno, fogo e fogo! Apertei decisivamente as suas mãos; ela reagiu apertando as minhas. Aquela indagação abrupta e, no entanto, solenemente pronunciada por uma senhora negra ao nosso lado: o que é o tempo, meus filhos? Decerto, a senhora negra e altiva, agora reparara bem, não queria resposta alguma. Talvez tenha perguntado: o que é a vida, meus filhos? Ela tinha a memória contida e

* É professor da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bahia, escritor, poeta e dramaturgo. É graduado em Letras pela PUC-Campinas e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas à Educação pela UNICAMP, Doutor em Letras - Teoria Literária e História da Literatura - pela mesma Instituição, com a tese *Cadernos Negros: esboço de análise*.

dada pelas relações recentes e passadas. Certamente estivera aqui, no mês passado, entre os nossos, para velar e enterrar Dogmar, músico e amigo que falecera, provavelmente, levado pela covid-19.

No sem tempo ou no tempo, vida e morte andam bem juntas. E nelas e com elas há, sem forma definida, o tempo, que é expressão delas conjuntamente. O tempo? Sim, o tempo! Lembrei-me, a razão está contida no avesso da lembrança, do poema que dedicara à Gavita. Era um outro tempo que dizia em mim e de mim para ela: Entre, Gavita, não há tiras, laços e vigas no labirinto. Entre, toque no escuro; com a boca que espuma, o coração, porta que abro, preta nuvem de segredo; mansa chuva. Entre, amor, não há portas; apenas um sino na entrada, som sem ferrugem, sem tempo; sol negro no azul do silêncio! Entre, há aqui o corpo negro de outras eras; não como era, mas em carne e fogo!

A dúvida estava ou era o ponteiro do relógio que marcava a vida e a morte. Havia somente um marcador. Era bem a imagem da senhora de duas faces, murmurava uma voz em concha, em ressonância. A voz dobrada foi, certamente, o eco ou o vento capaz de mover uma chave, que abre aquela porta antiga e põe em circulação a vida e a morte. A indagação caíra no chão e, no ar, era o pó anterior ao último sinal de transgressão e medo. Como um caracol que repuxa o outro, ela se recolhera em mim num abraço. Éramos um único caracol. O amor, sinônimo de desejo, era o corpo, que tinha sangue e cheiro. Tudo, no entanto, era um dado anterior ao próprio entendimento. Era preciso não dizer mais nada.

O amor era uma pulsação primeira, que se completava totalmente com o calor do corpo. Essa primeira parte do contato, mesmo sendo de generalidades, desde o início apresenta a questão que se tratará ao sabor da aproximação definitiva. Você é um caracol onde ressoa uma antiga lábia; e o eco daquela boca negra numa outra correspondência de negrura em eco, às avessas daquela pergunta jamais respondida: o que é morte, meus filhos? Não, a pergunta jamais respondida e circulada atrás do tempo; no caracol, era outra. Sim, o que é o amor? O amor, oculta margem alheia, de quem à margem anseia a oculta margem da imagem sua; na boca, que revela a língua nua. Há água, à margem, que revela na lábia o outro lábio que deseja, sente e há de, sem margem, beijar e nos braços inteira se afogar em beijo a margem que oculta o oculto instante de amar nas margens que no infinito está.

O beijo aproxima a margem. No instante, miragem de amar, o beijo revela o oculto risco de amar. Como estávamos enlaçados pelas mãos, o que é o amor fora uma

dedução ou interpretação nossa. A senhora negra; teia ancestral das nossas idas ao caracol, perguntara talvez o que é a morte, meus filhos? Mas ouvimos muito bem: o que é a vida, meus filhos? E na senda das nossas partidas e voltas ainda ouvimos, bem lá no fundo do caracol: o que é o amor, meus filhos? Por isso, talvez, as tentativas de respostas estavam no corpo. Sim! Todas! A palavra era uma espécie de barreira, que a morte reiterava no limite enigmático do instante, que a morte eternizara na lição do corpo e no corpo. Ao perguntar ao amor pelo ser do tempo, ela recolhera bem intimamente a razão do próprio amor em si. A busca pelo abismo trouxera no abismo o outro abismo, que se dera, então, como uma obra construída sob as leis da medida corpórea, que de imediato entrelaçava quem ama. Não era o tempo em si, não, o que tornava o tempo captável ali e sempre era uma linguagem; uma forma de poesia era, o caracol amoroso, o poema, que ressoara intensamente.

Acompanhamos o cortejo silenciosamente. Havia uma comunhão destilada pelos poros e por uma entidade da vida, que obliterara o imediato e o fim. Diante do caixão aberto pela derradeira vez, ouvimos, ainda navegando naquele copioso silêncio dos tempos e de todas as idades, as palavras religiosas de adeus e de acalanto ao morto, que morrera antes de a morte chegar. Consta na história do sepultado, que ele deixara a copoeira para viver num caracol evangélico. Talvez tenha morrido antes desse derradeiro e real sepultamento. Há um fio tênue interligando a vida e a morte. Nesse momento ela se recostara em mim de forma tão íntima e o meu corpo repuxara o dela como se fôssemos um único caracol. O caracol era a obra do amor. Enquanto seguíamos com os olhos a cerimônia final do funeral, ouvi de modo martelado e bem por dentro a sua voz, que era a minha, o caracol e a obra do homem e da mulher. Contornei a sua cintura e fiquei com a mão ocupada no aconchego.

Ao desviar o olhar do amor para fixá-lo na amada; adentrara no caracol que se multiplicava numa teia escorregadia, escura e potente. O amor irreduzível era um caracol, que se voltava para si ao engolir com o outro o que o amor fixara para sempre no instante, que seria refeito eternamente. O amor não era nada sutil e impalpável. Não, o amor era o desejo passeando pelo caracol e entrando nas veias e impulsionando o sangue. A morte poderia deixar à mostra a chave para o amor? Não houve resposta. No caracol, no entanto, ressoara: confie no corpo, assim como os amantes confiam no amor. Assim que o caixão foi fechado, saímos em silêncio e de mãos dadas. Éramos um perfeito caracol.

Recebido em: 11/06/2022

Aceito em: 09/09/2022

Para citar este texto (ABNT): ANTÔNIO, Carlindo Fausto. Gavita, caracol em cruz. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 2, p.366-369, jul./dez. 2022.

Para citar este texto (APA): Antônio, Carlindo Fausto (jul./dez.2021). Gavita, caracol em cruz. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (2): 366-369.



Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>